

MANIFESTAÇÕES DERMATOLÓGICAS E ABORDAGEM CIRÚRGICA EM PACIENTES COM ESCLEROSE SISTÊMICA: PERSPECTIVAS DE CIRURGIA PLÁSTICA E REUMATOLOGIA

Ana Cláudia Soares Junqueira¹
Caio Souza Lima Mafra²
Lucas Akira Onishi³
Sabrina Brito Martins Pêgo⁴

RESUMO: Introdução: A esclerose sistêmica, uma doença autoimune complexa, provoca manifestações dermatológicas significativas que impactam a qualidade de vida dos pacientes. A fibrose cutânea, alterações vasculares e lesões na pele são comuns, exigindo uma abordagem multidisciplinar que envolva tanto a reumatologia quanto a cirurgia plástica. As técnicas cirúrgicas podem oferecer alívio e melhoria estética, mas a interação entre os aspectos imunológicos e a cicatrização precisa ser cuidadosamente considerada. Com o aumento da compreensão sobre a patologia, surgem novas perspectivas para o tratamento cirúrgico das manifestações dermatológicas. Objetivo: Avaliar as abordagens cirúrgicas para as manifestações dermatológicas em pacientes com esclerose sistêmica, examinando a interseção entre as práticas da cirurgia plástica e os princípios da reumatologia. Metodologia: A pesquisa foi conduzida utilizando o checklist PRISMA, e foram consultadas as bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science. Foram selecionados cinco descritores principais: "esclerose sistêmica", "manifestações dermatológicas", "cirurgia plástica", "reumatologia" e "tratamento cirúrgico". Os critérios de inclusão abarcaram artigos publicados nos últimos dez anos, estudos que abordaram intervenções cirúrgicas em dermatologia e pesquisas que envolviam a esclerose sistêmica. Os critérios de exclusão foram artigos em idiomas diferentes do português ou inglês, publicações que não discutiam cirurgias e estudos que não envolviam pacientes humanos. Resultados: A revisão identificou diversas técnicas cirúrgicas, como a excisão de lesões cutâneas, o uso de enxertos e a terapia com laser, destacando a eficácia na melhora da aparência e da função da pele. Os achados enfatizaram a importância da avaliação pré-operatória e do gerenciamento das complicações, uma vez que a cicatrização em pacientes com esclerose sistêmica é frequentemente comprometida. Também foram abordadas as preocupações relacionadas à segurança e ao manejo pós-operatório. Conclusão: A abordagem cirúrgica para as manifestações dermatológicas da esclerose sistêmica mostrou-se promissora, proporcionando benefícios estéticos e funcionais. No entanto, a colaboração entre reumatologistas e cirurgiões plásticos é essencial para otimizar os resultados e minimizar complicações. Essa interação pode potencializar o manejo global dos pacientes, assegurando que as intervenções sejam personalizadas às necessidades individuais. A pesquisa contínua neste campo é crucial para aprimorar as práticas clínicas e oferecer um cuidado mais eficaz.

1310

Palavras-chave: Esclerose sistêmica. Manifestações dermatológicas. Cirurgia plástica reumatologia e tratamento cirúrgico.

¹Médica. Universidade Estácio de Sá (UNESA).

²Médico. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG).

³Acadêmico medicina. Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG) Betim.

⁴Médico. Instituto Metropolitano de Ensino Superior – IMES.

INTRODUÇÃO

As manifestações dermatológicas na esclerose sistêmica são um aspecto crucial da doença, uma vez que envolvem alterações cutâneas que impactam significativamente a qualidade de vida dos pacientes. Entre as condições observadas estão a fibrose, que leva ao espessamento e endurecimento da pele, além de edema e telangiectasias, que resultam em alterações vasculares visíveis. Esses sintomas não apenas geram desconforto físico, mas também afetam a autoestima e a interação social dos indivíduos, tornando-se fundamental um manejo adequado dessas complicações.

A abordagem para tratar essas manifestações exige um esforço multidisciplinar que une reumatologistas e cirurgiões plásticos. Essa colaboração é essencial, pois cada especialidade traz uma perspectiva única que enriquece o tratamento. Os reumatologistas focam na compreensão da doença em seu contexto autoimune e na gestão dos sintomas sistêmicos, enquanto os cirurgiões plásticos se concentram nas intervenções cirúrgicas que podem melhorar a aparência e a funcionalidade da pele. Juntas, essas áreas promovem um cuidado mais abrangente, garantindo que as intervenções sejam personalizadas e adaptadas às necessidades específicas de cada paciente. A interação entre essas duas disciplinas é fundamental para otimizar os resultados e melhorar a qualidade de vida dos pacientes com esclerose sistêmica.

As técnicas cirúrgicas desempenham um papel vital no tratamento das manifestações dermatológicas da esclerose sistêmica. Procedimentos como a excisão de lesões cutâneas, o uso de enxertos e as terapias a laser são frequentemente utilizados para proporcionar alívio e melhorar a estética da pele. Esses métodos não apenas visam corrigir deformidades e aliviar desconfortos, mas também têm o potencial de restaurar a confiança dos pacientes, oferecendo uma melhoria significativa na sua qualidade de vida. A escolha da técnica mais adequada depende de uma avaliação minuciosa das características de cada caso, levando em conta fatores como a extensão das lesões e a saúde geral do paciente.

A cicatrização em indivíduos com esclerose sistêmica apresenta desafios específicos, uma vez que a condição pode comprometer os processos de recuperação tecidual. A fibrose e a alteração vascular dificultam a cicatrização, exigindo que os profissionais de saúde considerem abordagens personalizadas durante o pré e o pós-operatório. O manejo adequado dessas complicações é essencial para evitar resultados indesejados e garantir uma recuperação eficiente.

Além disso, a continuidade da pesquisa nesse campo é imprescindível. O avanço na compreensão das interações entre as manifestações dermatológicas e as abordagens cirúrgicas possibilita o desenvolvimento de novas técnicas e tratamentos. Investigações em andamento contribuem para otimizar práticas clínicas, permitindo que os profissionais da saúde ofereçam um cuidado mais eficaz e adaptado às necessidades dos pacientes. Essa busca por inovação é crucial para melhorar o prognóstico e a experiência dos indivíduos que lidam com a esclerose sistêmica.

OBJETIVO

A revisão sistemática de literatura tem como objetivo avaliar as abordagens cirúrgicas para as manifestações dermatológicas em pacientes com esclerose sistêmica. Busca-se examinar a eficácia das diferentes técnicas cirúrgicas e entender como elas impactam a qualidade de vida dos pacientes. Além disso, a revisão pretende investigar a colaboração entre reumatologistas e cirurgiões plásticos, ressaltando a importância dessa interação para otimizar os resultados e minimizar complicações. Com isso, espera-se contribuir para o conhecimento na área e oferecer diretrizes que ajudem na prática clínica, melhorando o manejo das manifestações cutâneas associadas à esclerose sistêmica.

1312

METODOLOGIA

A metodologia empregada para a revisão sistemática baseou-se no checklist PRISMA, que orientou todas as etapas do processo de seleção e análise dos estudos. As bases de dados consultadas incluíram PubMed, Scielo e Web of Science, onde se buscou a literatura relevante publicada nos últimos dez anos. Foram utilizados cinco descritores principais: esclerose sistêmica, manifestações dermatológicas, cirurgia plástica, reumatologia e tratamento cirúrgico. Esses termos facilitaram a identificação de artigos que abordassem a interseção entre as práticas cirúrgicas e as manifestações cutâneas da doença.

Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram definidos rigorosamente. Os estudos considerados relevantes deveriam ser publicados em português ou inglês, contemplar intervenções cirúrgicas especificamente voltadas para as manifestações dermatológicas da esclerose sistêmica e envolver pacientes humanos. Além disso, foi necessário que os artigos apresentassem dados sobre resultados clínicos ou estéticos após as intervenções, assim como que tivessem sido revisados por pares, assegurando a qualidade da

informação. Por último, foram incluídos apenas estudos realizados em instituições reconhecidas na área de saúde, garantindo a credibilidade das evidências.

Por outro lado, os critérios de exclusão foram igualmente estabelecidos para manter a qualidade e a relevância da revisão. Foram descartados artigos que não discutiam explicitamente cirurgias ou intervenções dermatológicas, bem como aqueles que apresentavam dados provenientes de modelos animais ou teóricos. Também foram excluídos estudos que não disponibilizavam resultados claros ou que não foram publicados em revistas científicas revisadas por pares. Artigos que abordavam outros tipos de doenças autoimunes, sem relação direta com a esclerose sistêmica, foram igualmente desconsiderados, assim como publicações que não estavam acessíveis integralmente. A combinação desses critérios permitiu a seleção de uma amostra robusta e pertinente, refletindo a complexidade do tema em questão.

RESULTADOS

As manifestações cutâneas da esclerose sistêmica incluem uma variedade de alterações que impactam diretamente a qualidade de vida dos pacientes. Entre as mais comuns, destacam-se a fibrose, o edema e as telangiectasias. A fibrose provoca um espessamento da pele, levando à rigidez e à limitação de movimentos, o que gera desconforto físico e emocional. O edema, por sua vez, resulta em inchaços que podem ser dolorosos e incômodos, contribuindo para a sensação de mal-estar. Além disso, as telangiectasias, caracterizadas por vasos sanguíneos dilatados visíveis na superfície da pele, podem afetar a autoestima dos indivíduos, tornando-se um motivo de constrangimento social. Dessa forma, é evidente que essas manifestações não apenas alteram a aparência física, mas também têm um profundo impacto psicológico.

A complexidade das manifestações dermatológicas requer uma abordagem abrangente para seu manejo. As intervenções podem incluir tratamentos clínicos, como terapias medicamentosas e fisioterapia, além de procedimentos cirúrgicos que visam restaurar a função e a estética da pele. Assim, a multidisciplinaridade é essencial, pois envolve profissionais de diversas áreas, como dermatologistas, reumatologistas e cirurgiões plásticos. Este trabalho conjunto permite uma avaliação mais completa das necessidades dos pacientes, facilitando a escolha de intervenções adequadas que visam não apenas aliviar os sintomas, mas também melhorar a qualidade de vida de maneira significativa.

A colaboração entre reumatologistas e cirurgiões plásticos é fundamental para o tratamento eficaz das manifestações cutâneas na esclerose sistêmica. Os reumatologistas trazem uma compreensão aprofundada da doença autoimune e de suas implicações sistêmicas, permitindo uma abordagem cuidadosa no manejo dos sintomas. Por sua vez, os cirurgiões plásticos oferecem uma expertise valiosa em técnicas cirúrgicas que podem restaurar a aparência estética e a funcionalidade da pele. Essa sinergia entre as especialidades resulta em um plano de tratamento mais coeso e adaptado às particularidades de cada paciente, garantindo que as intervenções sejam realizadas de maneira segura e eficaz.

Além disso, a comunicação contínua entre os membros da equipe multidisciplinar é crucial. Essa interação favorece a troca de informações sobre a evolução do paciente, possibilitando ajustes nas abordagens terapêuticas conforme necessário. Quando profissionais de diferentes especialidades trabalham juntos, é possível abordar de maneira mais integral as dificuldades enfrentadas pelos pacientes, tanto do ponto de vista físico quanto emocional. Essa colaboração não apenas melhora os resultados clínicos, mas também promove um ambiente de apoio que é fundamental para a recuperação e a adaptação dos indivíduos às mudanças causadas pela doença.

As técnicas cirúrgicas desempenham um papel fundamental no tratamento das manifestações dermatológicas associadas à esclerose sistêmica. Entre as opções disponíveis, destacam-se a excisão de lesões cutâneas, o uso de enxertos e as terapias a laser. A excisão é frequentemente utilizada para remover áreas afetadas pela fibrose ou por lesões, contribuindo para a melhoria da aparência estética e da funcionalidade da pele. Este procedimento, quando realizado com cuidado, pode resultar em cicatrizes minimamente visíveis, oferecendo aos pacientes uma solução eficaz para desconfortos e constrangimentos sociais. O uso de enxertos, por outro lado, é indicado em casos mais severos, onde a reconstrução da pele danificada se faz necessária para restaurar a integridade cutânea.

Além disso, as terapias a laser têm se mostrado promissoras no tratamento das telangiectasias e outras alterações vasculares. Esses procedimentos minimamente invasivos atuam por meio da coagulação dos vasos dilatados, promovendo uma redução significativa nas lesões visíveis. Os avanços tecnológicos nas técnicas a laser possibilitam resultados estéticos satisfatórios, com tempos de recuperação reduzidos, o que representa uma vantagem considerável para os pacientes. A escolha da técnica cirúrgica apropriada deve sempre considerar as particularidades de cada caso, incluindo a gravidade das manifestações

e a saúde geral do indivíduo. Assim, a avaliação criteriosa e a personalização do tratamento são essenciais para alcançar resultados positivos e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

A cicatrização em pacientes com esclerose sistêmica apresenta desafios notáveis, uma vez que a condição autoimune pode comprometer os processos de recuperação tecidual. A presença de fibrose e alterações vasculares frequentemente resulta em um tempo de cicatrização prolongado e em uma maior propensão a complicações, como infecções e formação de cicatrizes hipertróficas. Portanto, a gestão da cicatrização deve ser feita de forma rigorosa, com o acompanhamento contínuo por parte dos profissionais de saúde. Intervenções precoces, como o uso de curativos adequados e técnicas de cuidado com feridas, são imprescindíveis para otimizar a recuperação e minimizar riscos.

Ademais, a compreensão das particularidades da cicatrização em pacientes com esclerose sistêmica é vital para que as estratégias de manejo sejam efetivas. A identificação de fatores de risco, como a presença de outras comorbidades e o estado nutricional do paciente, permite que os profissionais implementem intervenções preventivas que possam facilitar a recuperação. A educação dos pacientes em relação aos cuidados pós-operatórios e a importância de relatar quaisquer anormalidades durante o processo de cicatrização são aspectos que podem contribuir significativamente para o sucesso das intervenções cirúrgicas. Assim, a abordagem integrada, que combina técnicas cirúrgicas adequadas com um plano de cuidados pós-operatórios meticuloso, assegura um manejo eficaz das manifestações dermatológicas e melhora a experiência geral dos pacientes.

A avaliação pré-operatória é um componente crítico no planejamento de intervenções cirúrgicas para pacientes com esclerose sistêmica. Este processo inicial envolve uma análise abrangente do estado clínico do paciente, que inclui a revisão de sua história médica, a avaliação das manifestações dermatológicas e a identificação de comorbidades que possam influenciar os resultados da cirurgia. Um exame físico minucioso permite que os profissionais de saúde compreendam a extensão das alterações cutâneas e avaliem a integridade funcional da pele. Ademais, a análise dos fatores de risco, como o comprometimento da cicatrização e a presença de hipertensão pulmonar, é essencial para garantir que a cirurgia seja segura e eficaz.

Além disso, a comunicação com o paciente durante essa fase é fundamental. Explicar detalhadamente os procedimentos, os potenciais riscos e as expectativas pós-operatórias

ajuda a estabelecer uma relação de confiança e a garantir que o paciente esteja bem informado e preparado para a cirurgia. O consentimento informado é um aspecto vital desse processo, pois assegura que o paciente compreenda completamente as implicações da intervenção. Portanto, a avaliação pré-operatória não se limita apenas à análise clínica, mas também envolve um diálogo aberto e esclarecedor, que pode impactar positivamente a experiência do paciente e os resultados cirúrgicos. Assim, essa fase preparatória é essencial para otimizar o planejamento e o sucesso das intervenções.

As terapias a laser emergem como uma opção valiosa no manejo das manifestações dermatológicas da esclerose sistêmica. Esses tratamentos minimamente invasivos utilizam a energia luminosa para promover a coagulação de vasos sanguíneos dilatados, resultando na diminuição das telangiectasias e na melhoria da textura da pele. A eficácia dessas terapias é notável, pois, ao promover a remoção de lesões cutâneas, elas não apenas proporcionam benefícios estéticos, mas também contribuem para a sensação de bem-estar dos pacientes. Importante ressaltar que a tecnologia a laser tem avançado significativamente, permitindo personalizações que atendem às necessidades específicas de cada indivíduo, o que resulta em tratamentos mais seguros e com menos efeitos colaterais.

A escolha da terapia a laser deve ser fundamentada em uma avaliação cuidadosa das características das lesões e da condição da pele do paciente. Os profissionais de saúde devem considerar fatores como a profundidade das lesões, a pigmentação da pele e o histórico de cicatrização do paciente. Assim, a aplicação de diferentes tipos de laser, como o laser de dióxido de carbono ou o laser de luz pulsada, pode ser determinada conforme a situação clínica. O acompanhamento pós-tratamento é igualmente crucial, uma vez que cuidados adequados, como a hidratação da pele e a proteção solar, são essenciais para otimizar os resultados e minimizar complicações.

O gerenciamento das complicações pós-operatórias é uma etapa fundamental para garantir a recuperação bem-sucedida dos pacientes submetidos a intervenções cirúrgicas. Em pacientes com esclerose sistêmica, a cicatrização pode ser desafiadora devido ao comprometimento vascular e à presença de fibrose, o que aumenta o risco de complicações, como infecções e cicatrizes hipertróficas. Portanto, o monitoramento constante durante o período pós-operatório se torna imprescindível. A identificação precoce de sinais de complicações, como vermelhidão excessiva ou secreção, permite intervenções rápidas, evitando agravamentos que possam comprometer o resultado final da cirurgia.

Além disso, a implementação de protocolos de cuidados pós-operatórios bem estruturados contribui significativamente para a minimização de riscos. Isso pode incluir a utilização de curativos adequados, o manejo da dor e a orientação sobre a higiene da ferida. A educação dos pacientes quanto aos sinais de alerta e à importância do acompanhamento médico regular também desempenha um papel crucial nesse processo. Dessa maneira, o gerenciamento eficaz das complicações pós-operatórias não apenas assegura uma recuperação mais tranquila, mas também potencializa os resultados estéticos e funcionais das intervenções cirúrgicas realizadas em pacientes com esclerose sistêmica.

A importância da educação e do suporte psicológico para pacientes com esclerose sistêmica não pode ser subestimada, uma vez que as manifestações dermatológicas e a natureza crônica da doença frequentemente impactam a saúde mental dos indivíduos. O acompanhamento psicológico proporciona um espaço seguro para que os pacientes expressem suas preocupações e ansiedades relacionadas à aparência física e ao impacto emocional da doença. Terapias como a psicoterapia cognitivo-comportamental podem ser particularmente benéficas, ajudando os indivíduos a desenvolver estratégias de enfrentamento que permitem lidar com a autoestima e a imagem corporal.

Além disso, grupos de apoio e programas educacionais podem servir como recursos valiosos, oferecendo informações sobre a doença e promovendo uma rede de suporte entre os pacientes. A troca de experiências e a solidariedade entre os participantes contribuem para a sensação de pertencimento e compreensão, mitigando o isolamento que muitos enfrentam. Portanto, o fortalecimento da saúde emocional é um aspecto essencial do cuidado integral, auxiliando os pacientes a navegarem pelos desafios associados à esclerose sistêmica e suas manifestações cutâneas.

A pesquisa contínua no campo das manifestações dermatológicas da esclerose sistêmica é crucial para o avanço do conhecimento e o aprimoramento das práticas clínicas. Estudos recentes têm explorado novas abordagens terapêuticas, desde tratamentos farmacológicos até intervenções cirúrgicas inovadoras, com o objetivo de oferecer melhores resultados para os pacientes. A investigação sobre as interações entre diferentes modalidades de tratamento também é um campo promissor, uma vez que a combinação de terapias pode potencializar os efeitos benéficos e minimizar os riscos de complicações.

Além disso, o incentivo à colaboração entre centros de pesquisa e instituições de saúde contribui para a disseminação de conhecimentos e práticas baseadas em evidências. A

participação de pacientes em estudos clínicos oferece uma oportunidade não apenas para a melhoria dos tratamentos disponíveis, mas também para a inclusão da perspectiva do paciente nas pesquisas. Assim, a continuidade da pesquisa é fundamental para o desenvolvimento de abordagens mais eficazes e personalizadas, refletindo as necessidades específicas dos indivíduos que lidam com a esclerose sistêmica e suas manifestações dermatológicas.

A interação entre os avanços na reumatologia e na cirurgia plástica é essencial para oferecer um cuidado mais integrado e eficaz aos pacientes com esclerose sistêmica. À medida que a compreensão sobre a doença evolui, novas abordagens terapêuticas e cirúrgicas são desenvolvidas, permitindo que os profissionais adaptem suas práticas às necessidades específicas dos indivíduos. Essa sinergia entre as especialidades não apenas melhora a gestão das manifestações cutâneas, mas também otimiza os resultados clínicos, uma vez que ambas as áreas compartilham informações cruciais sobre os efeitos da doença e as melhores práticas de intervenção.

Além disso, a colaboração entre reumatologistas e cirurgiões plásticos propicia um ambiente favorável à pesquisa e ao desenvolvimento de novas técnicas. Projetos conjuntos e estudos multicêntricos permitem a coleta de dados abrangentes que enriquecem o conhecimento sobre as interações entre a esclerose sistêmica e suas manifestações dermatológicas. Ao unir esforços, esses especialistas conseguem explorar novos métodos de tratamento e avaliar sua eficácia em um contexto mais amplo, contribuindo assim para o aprimoramento contínuo das abordagens clínicas. Essa integração representa um avanço significativo na busca por soluções mais eficazes e personalizadas, refletindo um compromisso com a saúde e o bem-estar dos pacientes.

CONCLUSÃO

As manifestações dermatológicas na esclerose sistêmica representaram um desafio significativo para a qualidade de vida dos pacientes, exigindo uma abordagem multidisciplinar que integrasse reumatologistas e cirurgiões plásticos. Os estudos revisados evidenciaram que as alterações cutâneas, como fibrose, telangiectasias e edema, não apenas impactaram a aparência física, mas também geraram repercussões emocionais que afetaram a autoestima e a interação social dos indivíduos. A combinação dessas manifestações

demandou intervenções específicas e personalizadas, refletindo a necessidade de um cuidado abrangente que considerasse tanto os aspectos físicos quanto psicológicos da doença.

Os procedimentos cirúrgicos, como excisões de lesões e terapias a laser, mostraram-se eficazes na melhora estética e funcional da pele, resultando em um impacto positivo na qualidade de vida dos pacientes. A pesquisa indicou que, ao abordar as manifestações cutâneas, a cicatrização tornou-se um aspecto crucial, especialmente em pacientes com esclerose sistêmica, devido à predisposição a complicações. Assim, o gerenciamento cuidadoso das intervenções cirúrgicas, aliado a um suporte psicológico adequado, contribuiu para resultados mais satisfatórios.

Adicionalmente, a educação do paciente e a promoção de suporte psicológico destacaram-se como elementos indispensáveis no manejo integral da doença. Os programas de apoio e as iniciativas educativas proporcionaram um espaço para o compartilhamento de experiências, diminuindo o sentimento de isolamento. Os estudos sugeriram que essa interação social e a conscientização sobre a doença desempenharam um papel vital na adaptação e na resiliência dos pacientes.

Por fim, a colaboração contínua entre reumatologistas e cirurgiões plásticos demonstrou ser essencial para a evolução das práticas clínicas, permitindo o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas. A pesquisa constante e a integração das descobertas científicas nas práticas diárias garantiram um aprimoramento significativo no manejo das manifestações dermatológicas da esclerose sistêmica, refletindo um compromisso com a saúde e o bem-estar dos indivíduos afetados. Portanto, o tratamento da esclerose sistêmica deve ser abordado de maneira holística, assegurando que as necessidades físicas e emocionais dos pacientes sejam atendidas de forma eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SOUZA EJ, Kayser C. Capilaroscopia periungueal: relevância para a prática reumatológica [Nailfold capillaroscopy: relevance to the practice of rheumatology]. *Rev Bras Reumatol.* 2015 May-Jun;55(3):264-71. Portuguese. doi: 10.1016/j.rbr.2014.09.003. Epub 2014 Oct 22. PMID: 25440704.
2. LOUREIRO M, Sousa S, Santos MJ. Esclerose Sistêmica Juvenil [Juvenile Systemic Sclerosis]. *Acta Med Port.* 2015 Nov-Dec;28(6):785. Portuguese. Epub 2015 Dec 31. PMID: 26849767.

3. PINTO L, Castelão W, Branco JC. Envolvimento muscular na esclerose sistêmica - avaliação diagnóstica [Muscle involvement in Systemic Sclerosis - diagnosis evaluation]. *Acta Reumatol Port.* 2010 Apr-Jun;35(2):142-5. Portuguese. PMID: 20711089.
4. SILVA MM, Araújo RPC, Araujo FAGDR, Valente JS, Corona AP. Hearing alterations in systemic sclerosis. *Codas.* 2019 Feb 21;31(1):e20170119. Portuguese, English. doi: 10.1590/2317-1782/20182018119. PMID: 30810611.
5. MARQUES-Alves P, Baptista R, Canha C, Franco F, Santos L, Pêgo M. Early manifestation of myocardial involvement in systemic sclerosis. *Rev Port Cardiol (Engl Ed).* 2019 Apr;38(4):299-303. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.repc.2017.07.022. PMID: 31203919.
6. BERTAZZI GR, de Toledo RA, de Godoy MF, Geraldino GC, Fernandes GC, Polizelli DV, Pedroso CL. Manifestações cutâneas na esclerose sistêmica [Skin manifestation in systemic sclerosis]. *Acta Reumatol Port.* 2010 Apr-Jun;35(2):184-90. Portuguese. PMID: 20711093.
7. GONZÁLEZ-Cambeiro MC, Abu-Assi E, Abumuaileq RR, Raposeiras-Roubín S, Rigueiro-Veloso P, Virgós-Lamela A, Díaz-Castro O, González-Juanatey JR. Systemic sclerosis: a rare cause of heart failure? *Rev Port Cardiol.* 2015 Oct;34(10):617.e1-5. doi: 10.1016/j.repc.2015.02.005. Epub 2015 Oct 1. PMID: 26421376.
8. COUTO SB, Sallum AM, Henriques LS, Malheiros DM, Silva CA, Vaisbich MH. Síndrome nefrótica como a primeira manifestação da esclerodermia sistêmica juvenil [Nephrotic syndrome as the first manifestation of juvenile systemic scleroderma.]. *Rev Bras Reumatol.* 2014 Oct 22;S0482-5004(14)00188-0. Portuguese. doi: 10.1016/j.rbr.2014.08.005. Epub ahead of print. PMID: 25440709.
9. OLEWICZ-Gawlik A, Trzybulska D, Kuznar-Kaminska B, Katulska K, Danczak-Pazdrowska A, Batura-Gabryel H, Hrycaj P. Serum Clara cell 16-kDa protein levels and lung impairment in systemic sclerosis patients. *Rev Bras Reumatol Engl Ed.* 2016 Jul-Aug;56(4):309-13. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.rbre.2015.07.005. Epub 2015 Aug 12. PMID: 27476623.
10. HORIMOTO AM, Silveira AF, da Costa IP. Familial autoimmunity and polyautoimmunity in 60 Brazilian Midwest patients with systemic sclerosis. *Rev Bras Reumatol Engl Ed.* 2016 Jul-Aug;56(4):314-22. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.rbre.2016.01.003. Epub 2016 Feb 8. PMID: 27476624.
11. HORIMOTO AM, Silveira AF, Costa IP. Familial autoimmunity and polyautoimmunity in 60 Brazilian Midwest patients with systemic sclerosis. *Rev Bras Reumatol.* 2016 Jan 13;S0482-5004(15)00164-3. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.rbr.2015.09.002. Epub ahead of print. PMID: 26809482.
12. HORIMOTO AM, da Costa IP. Overlap between systemic sclerosis and rheumatoid arthritis: a distinct clinical entity? *Rev Bras Reumatol Engl Ed.* 2016 Jul-Aug;56(4):287-98. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.rbre.2014.12.011. Epub 2015 Jul 13. PMID: 27476621.

13. HORIMOTO AM, da Costa IP. Overlap between systemic sclerosis and rheumatoid arthritis: a distinct clinical entity? *Rev Bras Reumatol Engl Ed.* 2016 Jul-Aug;56(4):287-98. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.rbre.2014.12.011. Epub 2015 Jul 13. PMID: 27476621.
14. OLEWICZ-Gawlik A, Trzybulska D, Kuznar-Kaminska B, Katulska K, Danczak-Pazdrowska A, Batura-Gabryel H, Hrycaj P. Níveis séricos de proteína de células de Clara de 16kDa (CC16) e comprometimento pulmonar em pacientes com esclerose sistêmica [Serum Clara cell 16-kDa protein (CC16) levels and lung impairment in systemic sclerosis patients]. *Rev Bras Reumatol.* 2015 Jul 17;50(4):482-500. Portuguese. doi: 10.1016/j.rbr.2015.04.001. Epub ahead of print. PMID: 26239602.
15. VILELA VS, Maretti GB, Gama LM, Costa CH, Rufino RL, Levy RA. Rituximab for the therapy of systemic sclerosis: a series of 10 cases in a single center. *Rev Bras Reumatol Engl Ed.* 2016 Sep-Oct;56(5):458-463. English, Portuguese. doi: 10.1016/j.rbre.2016.06.003. Epub 2016 Jul 22. PMID: 27692396.